

# A concepção de multidimensionalidade e suas contribuições potenciais para a representação das relações verticais e horizontais das redes de construções

The concept of multidimensionality and its potential contributions to the representation of vertical and horizontal relations in construcional networks

## Editor-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

## Editores convidados

Edvaldo Balduino Bispo  
Fernando da Silva Cordeiro  
Renata Enghels

Recebido: 09/04/2024

Aceito: 30/07/2024

## Como citar:

LOPES, Monclar  
Guimarães; ROSÁRIO, Ivo  
da Costa. A concepção de  
multidimensionalidade  
e suas contribuições  
potenciais para a  
representação das relações  
verticais e horizontais  
das redes de construções.  
*Revista Diadorim*, v.26,  
n.1, e63456, 2024. doi:  
[https://doi.org/10.35520/  
diadorim.2024.v26n1a63462](https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n1a63462)

Monclar Guimarães Lopes<sup>1</sup> 

Ivo da Costa do Rosário<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mails: monclarlopes@id.uff.br; rosario.ivo3@gmail.com

## RESUMO

Neste artigo, buscamos apontar as contribuições potenciais do modelo de Diessel (2019) para a representação das relações verticais e horizontais das redes de construções. Para isso, inicialmente, partimos de conceitos basilares presentes em diversas obras que têm sido referências consistentes para nossas pesquisas (cf. Hilpert, 2014; Goldberg, 1995; 2006; Traugott, 2008; Traugott; Trousdale, 2013) e apontamos aspectos atinentes às relações verticais e horizontais que acreditamos ainda carecerem de certo refinamento teórico. Em sequência, apresentamos o modelo dinâmico e multidimensional de Diessel (2019), o qual nos auxilia a compreender que

há variados modos de representação da rede, haja vista que uma mesma construção envolve múltiplas conexões. Para Diessel (2019), em se tratando da rede gramatical, essas conexões podem ser de natureza morfológica, sintática, sonora, de campo lexical ou de campo semântico, e a relação entre elas pode envolver similaridade (semântica, semântica e formal ou apenas formal) ou contraste. Por fim, apresentamos uma breve análise da rede construcional da conformidade, nos termos de Oliveira (2023).

## **PALAVRAS-CHAVE**

Rede de construções; Relações verticais e horizontais; Conformidade; Linguística Funcional Centrada no Uso.

## **ABSTRACT**

In this paper, we seek to point out the potential contributions of Diessel's model (2019) to the representation of vertical and horizontal relations in construction networks. To do so, initially, we start from basic concepts present in several works that have been good references in our research (cf. Hilpert, 2014; Goldberg, 1995; 2006; Traugott, 2008; Traugott; Trousdale, 2013) and point out aspects related to vertical and horizontal relations that we believe still lack a certain theoretical refinement. Next, we present the dynamic and multidimensional model proposed by Diessel (2019), which helps us understand that these are different ways of representing the network, given that the same construction involves multiple connections. For Diessel (2019), when it comes to the grammatical network, these connections can be of a morphological, syntactic, sound, lexical or semantic field nature. Also the relationship between them can involve similarity (semantic, semantic and formal or just formal similarity) or contrast. Finally, we show a brief analysis of the constructional network of conformity, according to Oliveira (2023).

## **KEYWORDS**

Constructional network; Vertical and horizontal relations; Conformity; Usage-Based Linguistics.

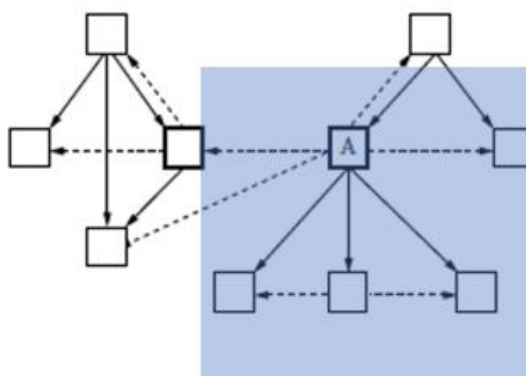
## Palavras iniciais

Em sua obra *Construction Grammar and its Application to English*, Hilpert (2014, p. 50, tradução nossa) define *construct.i.con* como “uma ampla rede de forma-sentido que acomoda palavras, expressões idiomáticas, padrões semi-especificados – e.g. THE X-ER THE Y-ER (*the bigger, the better*) – e construções de estrutura argumental, como a ditransitiva e a resultativa”<sup>1</sup>. Essa concepção de rede, própria das ciências cognitivas, é estruturada à maneira das redes neurais no cérebro humano, isto é, como um conjunto de nós interconectados por múltiplas relações. Como ilustração da inter-relação entre esses dois domínios – um de natureza mais concreta, relativo às atividades elétricas que podem ser mapeadas no cérebro (contraparte física); outro de natureza mais virtual, relativo à hipótese de que a estrutura e a organização da mente (contraparte abstrata) devem ser um espelho da estrutura e da organização do cérebro –, exploremos as três figuras em sequência. Vejamos as Figuras 1 e 2 inicialmente:



**Figura 1.** Rede neural no cérebro humano.

**Fonte:** Portal Educação<sup>2</sup>.



**Figura 2.** Representação da rede construcional.

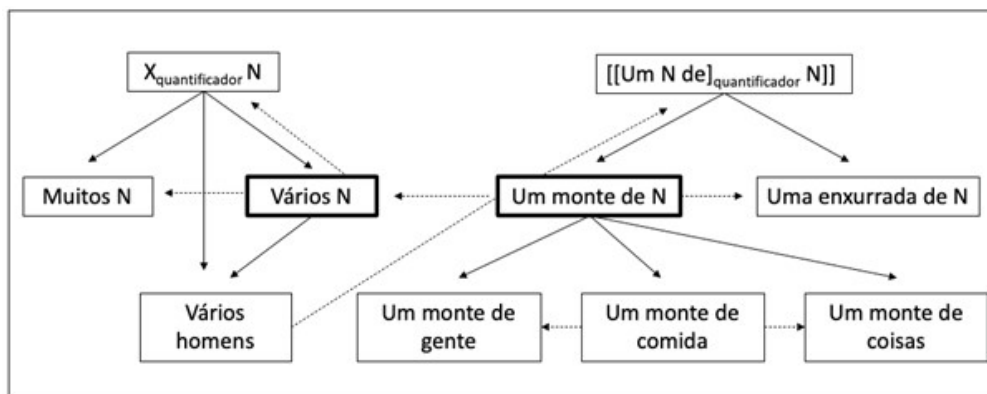
**Fonte:** Langacker (2008, p. 226) – Adaptado.

<sup>1</sup> No original: “a large network of form-meaning pairs that accommodates words, idioms, semi-specified patterns, such as THE X-ER THE Y-ER, and also argument structure constructions such as the DITRANSITIVE construction or the RESULTATIVE construction”.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://blog.portaleducacao.com.br/mielinizacao-do-neuronio/>. Acesso em 06 fev. 2024.

Na Figura 1, temos uma representação das redes neurais no cérebro humano, constituídas por cerca de 100 bilhões de neurônios interligados, responsáveis por recepção, armazenamento, processamento e transmissão de dados. Embora os neurônios constituam uma das células mais básicas e predominantes do cérebro, suas funções estão associadas à região que ocupam. No lobo frontal, por exemplo, atuam os neurônios responsáveis por movimentos, emoções e raciocínio; no parietal, pela percepção sensorial e pela sensação de dor, pressão e temperatura; no temporal, pela memória, pelo equilíbrio e pelos estímulos auditivos; no occipital, pela interpretação visual. Pode-se concluir, portanto, que os neurônios organizam suas redes conforme as funções que desempenham, sobretudo as de similaridade e complementaridade (mas não somente, como discutiremos mais à frente neste texto). Além disso, como é possível notar na Figura 1, as terminações nervosas dos neurônios realizam múltiplas ligações, o que evidencia que a relação não se dá de um para um, mas, sim, de um para vários neurônios.

Na Figura 2, temos uma representação abstrata de uma rede de construções, proposta por Langacker (2008). Como podemos observar, uma construção *A* mantém relações tanto verticais superordenadas e subordinadas com a sua rede de origem (fundo azul) quanto horizontais com uma construção de sua própria rede (fundo azul) e com uma outra construção de uma rede vizinha (fundo branco). As relações verticais são organizadas com base na similitude formal e/ou funcional de construções de uma mesma rede em diferentes níveis de abstração; as horizontais, com base na similitude formal e/ou funcional de construções em um mesmo nível de abstração<sup>3</sup>. Podemos ilustrar esses tipos de relação por meio da Figura 3.



**Figura 3.** Redes de quantificação do português

**Fonte:** elaboração própria<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Para Diessel (2019), as relações horizontais também podem compreender relações de diferença entre construções. Falaremos sobre esse aspecto mais à frente no texto.

<sup>4</sup> A figura foi inspirada tanto na Figura 2, de Langacker (2008), quanto nas pesquisas de Alonso, Oliveira e Fumaux (2019) sobre as construções binominais quantitativas do português.

A Figura 3 representa uma adaptação da Figura 2, com base em dados de pesquisa de Alonso, Oliveira e Fumaux (2019) sobre as construções binominais quantitativas do português. Nela, há duas construções destacadas dentro de dois retângulos de linhas mais espessas: *vários N* e *um monte de N*. A primeira integra uma rede de quantificadores nominais simples, da qual fazem parte alguns pronomes indefinidos, como *muitos* e *vários*; a segunda, de uma construção complexa formada por artigo indefinido *um* + nome + preposição *de*, da qual fazem parte construções como *um monte de N*, *uma enxurrada de N*, *um bocado de N*, *um mar de N*, entre outras.

Conforme é possível verificar, *um monte de N* apresenta um elo com a construção superordenada  $[[\text{um N de}]_{\text{quantificador}} \text{N}]$ . Um princípio basilar para a abordagem construcionista, que se contrapõe à perspectiva gerativa, é o de que não existe forma sem conteúdo nem vice-versa. Dessa maneira, a estrutura sintática  $[[\text{um N de}]_{\text{quantificador}} \text{N}]$ , por si só, já conteria uma contraparte funcional (com propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, nesse caso, atinentes à noção de quantificação). A plausibilidade desse princípio reside no fato de podermos atestar a produtividade desse padrão sintático em variadas construções complexas quantificadoras, como aquelas que indicamos mais acima.

Muitas pesquisas têm evidenciado esse princípio, inclusive em se tratando de padrões totalmente abstratos. Como sabemos, a tese defendida por Adele Goldberg, que resultou na publicação do livro *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure* (Goldberg, 1995), é a de que as estruturas argumentais do inglês são construções na medida em que são pareamentos de forma e função. Como ilustração, podemos recorrer ao famoso exemplo da construção de movimento causado: *He sneezed the napkin off the table*<sup>5</sup> (Goldberg, 1995, p. 54). Nesse exemplo, Goldberg mostra que, no polo da forma, o verbo *to sneeze* (espirrar), embora seja originalmente um verbo inergativo (e, por isso, não solicita argumentos internos), é recrutado para uma construção biargumental, que apresenta tanto um sintagma nominal quanto um outro preposicionado. No polo do sentido, o verbo assume as propriedades funcionais da construção, de modo que entendemos que o sujeito moveu o guardanapo para fora da mesa por meio da ação de espirrar. Portanto, neste caso, uma construção altamente abstrata como a construção de movimento causado, sintaticamente representada como *SUJEITO VERBO OBJETO OBLÍQUO*, já conta com um sentido previsto, que é o seguinte: o sujeito vai mover o objeto para o lugar especificado pelo SP por meio da ação do verbo. Trata-se, no exemplo em tela, de um caso de coerção, em que o verbo (*to sneeze*), ao interagir com as propriedades da construção, sofre mudança de transitividade e se adapta a um novo contexto de uso.

---

<sup>5</sup> Em português: Ele espirrou o guardanapo para fora da mesa.

Voltando para a Figura 3, podemos dizer que *um monte de N*, na condição de uma categoria subordinada de  $[[\text{um N de}]_{\text{quantificador}} \text{N}]$ , herda propriedades funcionais desta, do mesmo modo como vimos anteriormente no caso da construção de movimento causado. Eventualmente, essa construção mais esquemática e superordenada pode aumentar em produtividade, na medida em que passa a recrutar novos elementos. Em se tratando das relações verticais, haverá, portanto, semelhanças formais e funcionais compartilhadas entre as construções, a despeito de se admitirem certas diferenças, como o tipo e a variedade de nomes que preenchem o segundo *slot* de N nas construções. A pesquisa de Alonso, Oliveira e Fumaux (2019, p. 186) mostra que alguns nomes não ocorrem na segunda posição de N em todas as construções. Enquanto o lexema *coisas* é usualmente recrutado para a construção binominal quantificadora *um monte de N*, não há dados que atestem seu uso em construções como *uma enxurrada de N*, por exemplo<sup>6</sup>.

Quanto às relações horizontais, ainda na Figura 3, notamos que *um monte de N* mantém relações de semelhança formal e funcional com *um bocado de N*, construção pertencente à mesma rede, e também relações de semelhança funcional com *vários* e *muitos*, na rede vizinha. Diessel (2019) defende que essas relações horizontais, a que chama de *relações construcionais*, também preveem relações de contraste. Falaremos mais sobre isso adiante.

As diferentes abordagens de gramática de construções têm mostrado que esse tipo de representação da rede, como o proposto na Figura 3, compõe somente um dos modelos possíveis. Entendemos que, nos últimos 15 anos, quando começamos a nos debruçar sobre os estudos construcionistas no âmbito do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, nossa agenda de trabalho se voltava para a comprovação da plausibilidade dessa abordagem, ao defender que as construções constituem a totalidade do nosso conhecimento linguístico. Nesse sentido, precisamos atestar, por muito tempo, que até as estruturas sintáticas altamente abstratas são construções, isto é, pareamentos simbólicos de forma e função.

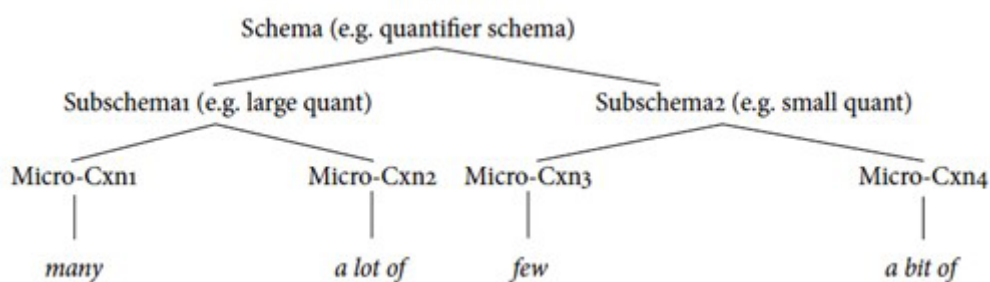
No âmbito de nosso grupo de pesquisa, o primeiro modelo de representação taxonômica com que trabalhamos foi o proposto por Traugott (2008), que hierarquizava as construções em três níveis: macro, meso e micro. Todos os níveis eram constituídos de estruturas formais, isto é, de natureza sintática, como podemos observar na descrição abaixo (Traugott, 2008, p. 6):

---

<sup>6</sup> Com base em uma análise colexêmica distintiva das construções UM MONTE DE SN e UMA ENXURRADA DE SN, as autoras atestam 38 ocorrências de *um monte de coisas* (pbin = 6,32) contra zero ocorrências de *uma enxurrada de coisas* (pbin = -6,32) em *corpus*. O resultado de pbin (isto é, do grau de significância) para UMA ENXURRADA DE SN, sugere que é bastante improvável que *coisas* seja selecionado aleatoriamente para preencher o slot do SN nesta última construção.

- **Macroconstruções:** esquemas de nível mais alto, e.g., construção ditransitiva.
- **Mesoconstruções:** conjuntos de microconstruções de comportamento similar, e.g., *give Obj1 Obj2, send Obj1 Obj 2*, os quais têm variantes preposicionais com *to*, distintamente dos verbos que têm variantes preposicionais com *for*, e.g., *buy Obj 1 Obj 2*.
- **Microconstruções:** tipos individuais de construção, e.g., *give Obj1 Obj2* como uma construção distinta de *send Obj1 Obj2*.
- **Construtos:** ocorrências empiricamente atestadas de microconstruções; representam o *locus* da inovação<sup>7</sup>.

Posteriormente, na obra escrita em parceria com Trousdale – *Constructionalization and Constructional Changes* (Traugott; Trousdale, 2013) –, apresentou-se um novo modelo de representação, em que as relações taxonômicas poderiam também ser organizadas com base em semelhanças estritamente funcionais, mas não formais, como podemos observar na Figura 4:



**Figura 4.** Rede de quantificadores do inglês.

**Fonte:** Traugott; Trousdale (2013, p. 17).

Como é possível notar, com base na Figura 4, as construções superordenadas de segundo nível (subesquemas de *grande quantidade* e de *pequena quantidade*, respectivamente) abrigam estruturas formalmente distintas, constituídas, respectivamente, por uma expressão simples (um único elemento, um pronome indefinido: *many; few*) e outra complexa (formada por uma sequência de artigo + nome + preposição: *a lot of; a bit of*). Não obstante o fato de os autores apresentarem esse modelo de rede na primeira parte de sua obra, destinada à apresentação de seu modelo de trabalho, essa potencialidade ainda tem sido pouco explorada nos trabalhos que desenvolvemos

<sup>7</sup> No original: macro-constructions: high-level schemas, e.g., ditransitives; meso-constructions: sets of similarly-behaving micro-constructions, e.g., *give Obj Obj2, send Obj Obj 2*, which have prepositional variants with *to*, as distinct from those that have prepositional variants with *for*, e.g., *buy Obj Obj2*; micro-constructions: individual construction-types, e.g., *give Obj Obj2* as distinct from *send Obj Obj2*; constructs: empirically attested tokens of micro-constructions; these are the locus of innovation.

no Brasil. Talvez, isso se deva ao fato de os conceitos de esquema e subesquema serem apresentados como “aproximadamente” equivalentes às definições de macro e mesoconstrução e também ao fato de os autores explorarem mais fortemente os aspectos formais para a ilustração dessas categorias:

Em trabalhos anteriores (e.g. Traugott 2008a, b; Trousdale 2008a, 2010), nós distinguimos ‘macro’, ‘meso’ e ‘microconstruções’. Os esquemas são aproximadamente equivalentes a macroconstruções, subesquemas a mesoconstruções, de modo que macro- e mesoconstruções são termos redundantes. Eles não são usados neste livro<sup>8</sup> (Traugott; Trousdale, 2013, p. 16).

De um lado, cabe frisar que, a despeito de os autores não se comprometerem com a total correspondência entre os conceitos de macro e meso com os de esquema e subesquema – na medida em que afirmam que são “aproximadamente” equivalentes –, não exploram em que consiste a diferença entre eles. De outro, em diversos momentos da obra, associam as categorias supracitadas à estrutura morfossintática, como é possível observar na Figura 5, quando apresentam a dimensão da especificidade das construções:

Size	Atomic <i>red, -s</i>	Complex <i>pull strings, on top of</i>	Intermediate <i>bonfire</i>
Specificity	Substantive <i>dropout, -dom</i>	Schematic N, SAI	Intermediate <i>V-ment</i>
Concept	Contentful <i>red, N</i>	Procedural <i>-s, SAI</i>	Intermediate <i>way-construction</i>

**Figura 5.** As dimensões das construções.

**Fonte:** Traugott; Trousdale (2013, p. 13).

Na Figura 5, a dimensão *especificidade* também serve de ilustração, respectivamente, para as categorias *microconstrução*, *esquema* e *subesquema*. Segundo os autores, esquemas são entidades totalmente abstratas, como a categoria *substantivo* ou a estrutura interrogativa de inversão do sujeito com o verbo auxiliar no inglês (SAI – e.g.: *Are you Sally?*); subesquemas são entidades parcialmente esquemáticas, constituídas por uma parte específica (substantiva) e outra esquemática, como *v-ment*, que resulta em nomes como: *government, embarrassment* etc. Sendo assim, há uma correlação, que é predominante ao longo de toda a obra, entre a noção de esquematicidade

<sup>8</sup> No original: In earlier work (e.g. Traugott 2008a, b; Trousdale 2008a, 2010), we distinguished ‘macro-’, ‘meso-’, and ‘micro-constructions’. Schemas are roughly equivalent to macro-constructions, subschemas to meso-constructions, so macro- and meso-constructions are redundant terms. They are not used in this book.



– registrada pelos *slots* das construções – e as categorias da morfossintaxe, como é o caso de SAI e V, no caso em tela.

Entendemos que a constituição de uma hierarquia construcional com base na semelhança formal dos diferentes níveis de esquematicidade não seja um problema. Afinal, temos desenvolvido muita pesquisa de qualidade com base nesse critério, evidenciando a plausibilidade do modelo. No entanto, também compreendemos que formas mais plurais de organizar a rede podem favorecer perspectivas diferentes nos tratamentos dos objetos. Aliás, outras representações esquemáticas são capazes de espelhar com maior exatidão como se dá a organização do conhecimento linguístico na mente dos falantes. Certamente essa organização não se dá apenas a partir de semelhanças formais, mas também funcionais, sonoras etc., como já destacado neste texto e como será discutido com mais detalhes adiante.

Como ilustração, podemos explorar novamente os dados da Figura 3. A pesquisa desenvolvida por Alonso, Oliveira e Fumaux (2019) visa à descrição das construções binominais quantificadoras que pertencem ao esquema  $[[\text{um N de}]_{\text{quantificador}} \text{N}]$ . Dessa maneira, quantificadores simples, como *muitos* e *vários* não constituem, *a priori*, objetos dessa pesquisa. Contudo, as autoras podem futuramente, se assim o desejarem, constituir uma rede mais ampla, em que construções formalmente distintas, mas semanticamente semelhantes, sejam também descritas. Isso favoreceria, por exemplo, um entendimento mais amplo sobre as diferenças funcionais entre as diversas construções quantificadoras do português: contextos de uso dessas construções, sua produtividade, estruturas mais ou menos marcadas, dentre outros aspectos. Trata-se, no nosso ponto de vista, de um passo importante para as pesquisas em abordagem construcional, sobretudo se temos a intenção de, no futuro, desenvolver gramáticas descritivas com base nessa perspectiva.

Mais recentemente, na obra *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*, Diessel (2019) retoma essa discussão das relações verticais e horizontais da rede (mas não somente) a partir de uma perspectiva dinâmica e multidimensional. Defendemos, aqui, que seu modelo favorece a constituição de redes construcionais amplas e variadas. Por isso, na próxima seção deste artigo, apresentaremos esse modelo e exploraremos suas potencialidades na representação dessas relações. Por fim, como ilustração, recorreremos ao trabalho de Oliveira (2023), que trata da rede construcional dos conectivos conformativos em língua portuguesa.

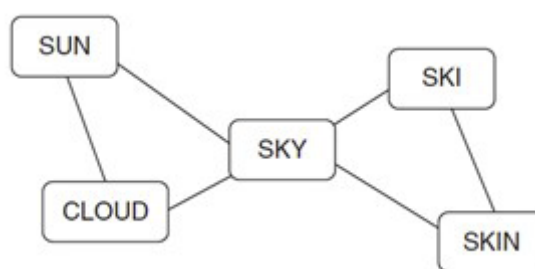
## A multidimensionalidade da rede de construções

O modelo de rede proposto por Diessel (2019) tem motivação nas redes neurais e nos modelos conexionistas (Rumelhart; Maclelland, 1986; Elman *et al.*, 1996), os quais concebem a mente como sendo constituída por unidades de informação e *links* entre essas unidades. Tais links têm “pesos”, ou valores de ativação, formados

no processamento. Sob esse ponto de vista, quanto mais frequentemente um *link* é processado, mais fortes se tornam as conexões e maior é a probabilidade de se reutilizarem essas conexões no futuro.

Os links entre essas unidades são suscetíveis a categorização, tanto por semelhança quanto por dissemelhança. Em linhas gerais, a mente é uma máquina de identificar e agrupar padrões e relacioná-los entre si, de modo multidimensional. Isso significa que a organização bidimensional que utilizamos para representar as redes construcionais representam apenas uma fatia da nossa realidade cognitiva. Nesse sentido, dado o escopo de cada pesquisa, podemos selecionar diferentes fatias dessa rede para desenvolvermos o nosso trabalho.

No que diz respeito, especificamente, à rede gramatical das línguas naturais, Diessel (2019) propõe a existência de cinco tipos de conexões básicas: morfológicas, sintáticas, sonoras, de campo lexical e de campo semântico. Naturalmente, uma vez que há múltiplos nós interconectados, é natural que haja o cruzamento entre diferentes tipos de conexão, conforme ilustra a Figura 6:



**Figura 6.** Associações lexicais entre o lexema *sky* e outros quatro itens semântica e/ou fonologicamente relacionados.

**Fonte:** Diessel (2019, p. 18).

Como podemos notar, a rede proposta na Figura 6 capta não somente as relações semânticas existentes entre *sky*, *sun* e *cloud* (céu, sol e nuvem) quanto as sonoras entre *sky*, *ski* e *skin* (céu, esqui e pele). Ou seja, para as conexões do primeiro agrupamento, conta o conhecimento linguístico do falante relativo ao *frame* semântico, bem como a frequência com que esses termos tendem a ser acionados no decorrer do fluxo textual; para o segundo, a similaridade fonética entre os diferentes lexemas, muito embora pertençam a *frames* distintos.

Para Diessel (2019), no que diz respeito às relações verticais (ou taxonômicas), a emergência de esquemas construcionais é influenciada por múltiplos fatores, sendo de especial importância a experiência do falante com lexemas e construções particulares. Isso significa que, a depender da experiência linguística que temos com determinadas construções, a formação dos esquemas se dará de modo diverso. Como ilustração, consideremos os tipos de orações relativas do inglês (Diessel, 2019, p. 44):

- The man who met John. (Oração relativa de sujeito)
- The man (who[m]) John met. (Oração relativa de objeto)
- The man (who) John talked to. (Oração relativa oblíqua)
- The place (where) we met. (Oração relativa oblíqua)

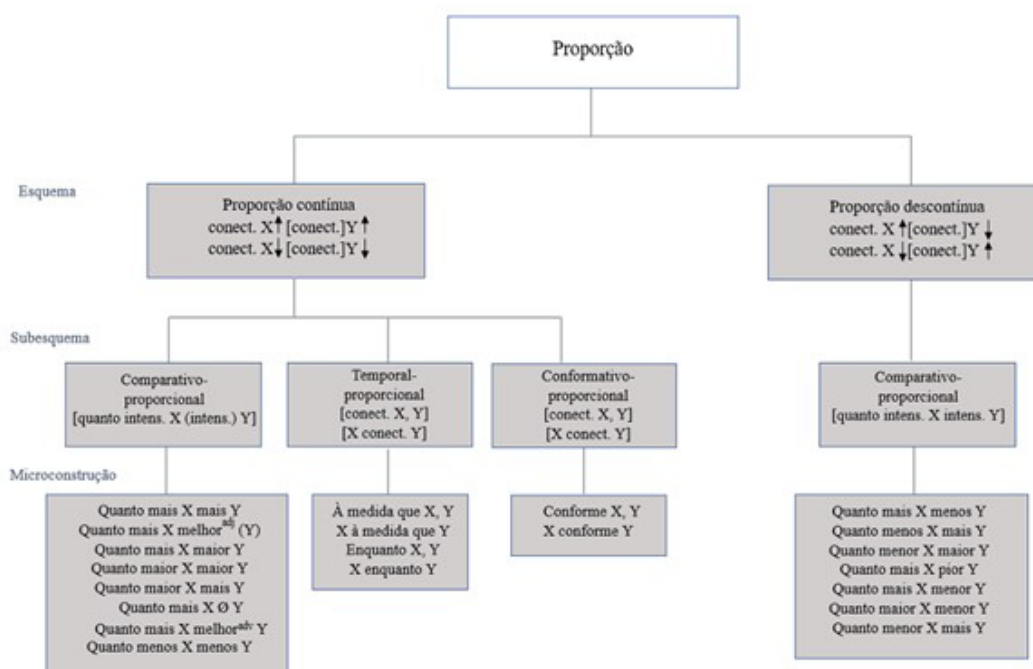
Conforme podemos observar, o inglês apresenta uma família de construções oracionais relativas que se distinguem formal e semanticamente, a despeito de as propriedades comuns dessas construções poderem ser representadas por um esquema geral da oração relativa. Embora todas as construções modifiquem um nome da oração matriz, que serve a um papel sintático-semântico particular na oração relativa, relativas subjetivas e não subjetivas se diferenciam pela ordem vocabular e pela elipse opcional do pronome relativo nas orações não subjetivas. Tais fatos linguísticos nos sugerem que, no inglês, a rede das orações relativas poderia ser representada como mostra a Figura 7:



**Figura 7.** Rede hierárquica das construções oracionais relativas do inglês

**Fonte:** Diessel (2019, p. 45) – Adaptado.

Um outro exemplo que pode servir de ilustração é a pesquisa de Fernandes (2022) sobre as construções proporcionais oracionais e não oracionais do português contemporâneo. A pesquisadora, em decorrência das diferenças formais (e também funcionais) entre as construções proporcionais, optou por representá-las conforme a Figura 8:



**Figura 8.** Rede das construções proporcionais do português

**Fonte:** Fernandes (2022, p. 202)

Como vemos, os esquemas propostos por Fernandes (2022) estão distribuídos por critérios semânticos. Segundo a pesquisadora, a proporção em português pode ser contínua ou descontínua. A proporção contínua comporta microconstruções bastante distintas quanto à forma: *quanto mais X mais Y*; *à medida que X, Y*; *X conforme Y*. Além disso, as microconstruções da proporção descontínua são formalmente semelhantes a um dos agrupamentos das microconstruções contínuas: *quanto mais X menos Y* vs. *quanto mais X mais Y*.

Além disso, para relacionar os dois esquemas a que chegou com uma unidade superordenada, Fernandes (2022) incorpora o conceito de *domínio funcional*, conforme proposto por Teixeira e Rosário (2016). Nesse trabalho, os autores tecem uma crítica à rede construcional dos quantificadores do inglês, conforme proposta por Traugott; Trousdale (2013, p. 17), que está representada na Figura 4 deste artigo. Argumentam que, uma vez que uma construção é um pareamento simbólico de forma e função, seria inadequado considerar a existência de um esquema de quantificação destituído de forma, dado que abriga estruturas de diferentes naturezas. Mais coerente, segundo o ponto de vista defendido à época, seria considerar a quantificação um domínio funcional. Por fim, com base nessas reflexões, os autores propuseram a reintegração do conceito *domínio funcional* aos trabalhos da Linguística Funcional Centrada no Uso, cuja hierarquia passaria a ser a seguinte: domínio funcional > esquema > subesquema > microconstrução. Foi exatamente esse o raciocínio empregado por Fernandes (2022) em sua pesquisa.

Não obstante esse fato, novas reflexões foram feitas posteriormente. Em 2017, quando Trousdale ofereceu um minicurso no XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, foi lançada a seguinte pergunta ao estudioso: “se a construção é um pareamento de forma-função, qual é a contraparte formal do esquema de quantificação, como aquele proposto na página 17 do livro de 2013, *Constructionalization and Constructional Changes?*” A explicação de Trousdale foi que a forma seria subespecificada naquele caso. Outrossim, discordou da proposta anterior feita pelo grupo de reintegrar o conceito de domínio funcional, haja vista que isso romperia com um dos princípios basilares da abordagem construcional: as gramáticas das línguas naturais podem ser totalmente descritas por meio de suas construções – “It’s constructions all the way down”, como afirmara Goldberg (2006, p. 18). A partir dessas considerações, portanto, chegamos à conclusão de que conceber esquemas como entidades linguísticas cuja contraparte formal seja subespecificada, conforme dissera Trousdale, é mais coerente e vai ao encontro do que alguns outros autores têm defendido, como Diessel (2019), por exemplo.

No que tange às relações horizontais (ou construcionais), Diessel (2019) defende que cada construção tem uma “localização ecológica” particular na rede gramatical, que é definida por suas relações com outras construções no sistema. Tais relações podem ser de dois tipos: similaridade e contraste.

A similaridade pode apresentar diferentes aspectos: a) pode ser apenas semântica; b) pode ser semântica e formal; c) pode ser apenas formal. Os dois primeiros casos favorecem a descrição do fenômeno da alternância, isto é, da variação construcional. Se retornarmos para a Figura 3, por exemplo, podemos dizer que *um monte de N* apresenta similaridade semântica e formal com *uma enxurrada de N* – sendo, inclusive, padrões construcionais pertencentes a um mesmo esquema –, ao passo que *vários N* tem similaridade apenas semântica. A plausibilidade de elas serem construções alternantes está no fato de localizarmos ocorrências em que essas construções – para além de representarem quantificadores de grande escala –, recrutam os mesmos elementos para a posição de N, como podemos ver a seguir:

Fico pensando, a pessoa que fez o vídeo da amiguinha na escola, nem imaginava que esse vídeo viraria outro para **um monte de pessoas**, pois essa amiguinha viraria anos depois uma *pop star*<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Dado extraído do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/KcJauregui12/status/1755190663119827129> - Acesso em 07 fev. 2024.

A inauguração de um atacadão na Zona Oeste do Rio prometia preços baixos e foi tomada por **uma enxurrada de pessoas** que quase se estapearam pelos produtos<sup>10</sup>.

Assim que o Miguel sai, o Savate começa a provocar **várias pessoas** que reagem às provocações. O Savate usa isso para fazer o mesmo jogo de vitimização de que acusava o Miguel. Os apoiantes do Savate caem nisto que nem patinhos. Ser fã é uma coisa, ser burro é outra<sup>11</sup>.

Cabe frisar, em conformidade com aquilo que atestam os estudos em variação linguística (cf. Weiner; Labov, 1983) e, especificamente, em variação construcional (cf. Cappelle, 2006; Perek, 2015; Machado Vieira; Wiedemer, 2019), que tanto similaridade semântica quanto a similaridade semântica e formal, por si sós, não garantem que estamos diante de estruturas alternantes, pelo menos não em todos os contextos de uso. Como sabemos, construções horizontais com essas características podem ser variáveis em determinados contextos, mas não em outros. Em síntese, para atestar a variação, é importante mapear os contextos de uso em que duas construções semelhantes semântica (e formalmente) se neutralizam, bem como aqueles em que elas se distinguem.

A esse respeito, Diessel (2019) argumenta que devemos considerar um outro tipo de relação, a que dá o nome de *relações de preenchimento de slot*, que está associado não somente ao princípio da coerência semântica, como o defendido por Goldberg (1995), mas, sobretudo, à experiência linguística que temos com expressões particulares. Como uma ilustração desse fenômeno, Diessel (2019, p. 119), recorrendo às pesquisas de Faulhaber (2011) e Boas (2010), compara o emprego de alguns verbos *dicendi* do inglês nas construções transitiva direta e ditransitiva:

- 1a. She answered the question.
- 1b. \* She replied the question.
- 1c. \* She responded the question.
- 2a. She told John a fairy tale.
- 2b. \* She informed John all the beers she had.
- 2c. \* She notified John her thoughts on the subject.

---

<sup>10</sup> Dado extraído do Twitter. Disponível em: [https://twitter.com/guilherme\\_amado/status/1296962317045968897](https://twitter.com/guilherme_amado/status/1296962317045968897) - Acesso em 07 fev. 2024.

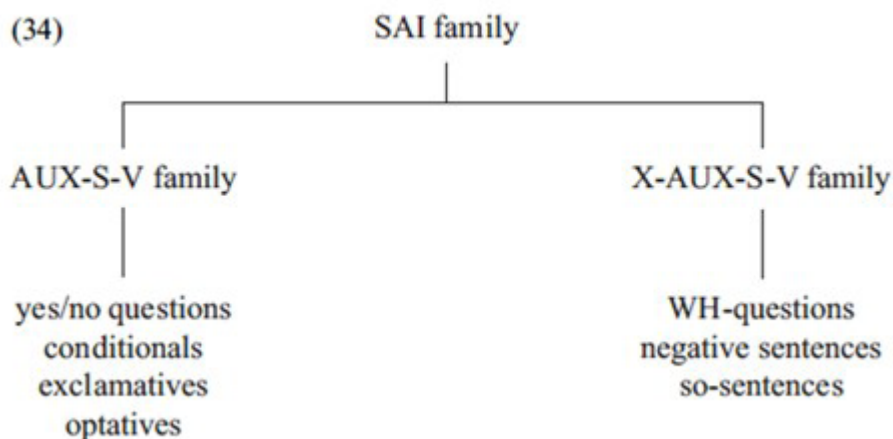
<sup>11</sup> Dado extraído do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/ritaloureiro/status/1755322041262014788> - Acesso em 07 fev. 2024.

Como podemos notar, embora os verbos *reply* e *respond* sejam semanticamente muito similares a *answer* – isto é, obedecem ao princípio da coerência semântica –, eles não ocorrem com um objeto nominal referindo-se a uma pergunta. Paralelamente, *inform* e *notify*, bastante próximos ao significado de *tell*, não ocorrem com dois SNs pós-verbais. Por esse motivo, não podem ser considerados construções alternantes, variáveis, em todos os contextos de uso.

Quando a semelhança entre construções horizontalmente relacionadas é apenas formal, é possível, por sua vez, proceder à descrição de paradigmas estruturais: como paradigmas morfológicos, fonológicos e sintáticos. Como ilustração, vejamos a rede da construção SAI – inversão auxiliar-sujeito – do inglês, apresentada por Diessel (2019, p. 215) com base nos dados de pesquisa de Green (1985):

- a. Will she be there?
- b. Where do you live?
- c. Never would she say that.
- d. So do I.
- e. Had she been there, ...
- f. Boy do I hate this!
- g. May the best one win!

Diessel (2019, p. 215) demonstra que, a despeito de a inversão auxiliar-sujeito ser frequentemente tratada como um fenômeno uniforme, ele envolve duas famílias construcionais distintas: (i) a família AUX – SUJ – V, em que o auxiliar precede todos os constituintes da sentença (ocorrências *a*, *e*, *g*), e (ii) a família X- AUX – SUJ – V, em que o auxiliar segue o lexema ou sintagma inicial da cláusula (ocorrências *b*, *c*, *d*, *f*). A distribuição dessas duas famílias, no caso em tela, não se dá pela existência de semelhança funcional. Segundo Diessel (2019), a despeito de a motivação para a distribuição ser diacrônica – associada a dois padrões gerais de ordenação vocabular no inglês antigo e no medieval –, ela naturalmente se perdeu ao longo do tempo. Na Figura 9, segue a representação desse paradigma ou família construcional:



**Figura 9.** Família construcional SAI – inversão auxiliar-sujeito.

**Fonte:** Diessel (2019, p. 215).

Por fim, chegamos às relações semanticamente contrastivas. Para Diessel (2019), essas construções expressam algum tipo de oposição ou assimetria em relação aos pares que contrastam. Muitas vezes, inclusive, esses pares podem ser considerados como “alternativas paradigmáticas”, a despeito de suas diferenças.

Como ilustração, Diessel (2019) recupera a pesquisa de Weiner e Labov (1983), em que os estudiosos tratam as construções ativas e passivas como alternantes. A despeito de sua diferença semântico-pragmática, as duas construções podem se referir a um mesmo estado de coisas, isto é, apresentar um mesmo valor referencial, como é possível atestar nos exemplos *a* e *b*, logo abaixo (Diessel, 2019, p. 223):

- a.* The boy kicked the ball.
- b.* The ball was kicked by the boy.

Segundo o autor, essas assimetrias têm sido tratadas nos estudos tipológicos pela noção de “marcação estrutural” (cf. Croft, 2003; Bybee, 2011). No nosso ponto de vista, a associação desse conceito, tão caro aos estudos clássicos do funcionalismo norte-americano, representa um ganho à abordagem construcional da gramática.

O conceito de marcação tem sido comumente definido como a estratégia cognitiva que visa à economia de marcar somente o membro menos frequente de um par alternante de construções e de deixar o membro mais frequente da categoria formalmente não marcado. Em linhas gerais, a marcação pode ser definida com base em três critérios principais (cf. Givón, 1995), a saber:

- a) complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente;
- b) distribuição de frequência:** a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada correspondente;



**c) complexidade cognitiva:** a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

(Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003, p. 34)

Nos estudos tipológicos, há fartas evidências de que a marcação representa, de fato, uma estratégia cognitiva relacionada ao processo de economia linguística. Como ilustração, podemos recorrer aos resultados da pesquisa de Greenberg (1966, p. 32), que mostra, com base em cinco línguas naturais, que o singular é uma estrutura formalmente mais simples (a estrutura não marcada) em relação ao plural, em decorrência, sobretudo, de sua elevada frequência de uso, como podemos observar na Figura 10:

Language	Singular	Plural (& dual)	Total
Sanskrit	70.3%	29.7%	93,277
Latin	85.2%	14.8%	8342
Russian	77.7%	22.3%	8194
French	74.3%	25.7%	1000
English	68.4%	31.6%	24,615,657

**Figura 10.** Proporções dos nomes singulares e plurais em cinco línguas

**Fonte:** Diessel (2019, p. 225).

Na próxima seção, vamos retomar um importante trabalho desenvolvido por Oliveira (2023), em sua tese de doutoramento. Por meio de dados coletados e analisados pela pesquisadora, vamos discutir como as contribuições de Diessel (2019) podem ser aplicadas a uma investigação baseada no português do Brasil.

## Estudo de caso

Oliveira (2023) debruçou-se sobre a expressão da conformidade no português do Brasil, em uma perspectiva funcional-construcionista. Sua tese de doutoramento foi capaz de ilustrar a representação esquemática de um fenômeno bastante complexo e multifacetado da nossa morfossintaxe, que é justamente o caso das construções conformativas.

Após longa revisão, Oliveira (2023, p. 47) afirma que “a construção conformativa relaciona duas partes vinculadas em uma relação de compatibilidade”. A partir dessa perspectiva, é possível admitir que a conformidade é expressa, em

língua portuguesa, a partir de modos muito diferenciados. Vejamos alguns dados<sup>12</sup> analisados pela autora da tese:

(1) O mar era sinônimo de perigo, e a praia era como o parapeito de um prédio alto – quanto mais longe de lá, melhor. Mas as ameaças não estavam só no imaginário popular. A praia **de fato** já foi muito mais perigosa do que é hoje. Ela era a porta de entrada para doenças estrangeiras, que pegavam carona com navegantes e marinheiros. [413/mar. 2020, A praia sempre foi um destino de lazer?, Oráculo]

(2) A arte de lidar com números é a maior invenção da humanidade, junto da escrita. Mas ela é **realmente** uma invenção? Ou a matemática sempre existiu na essência da natureza, e tudo o que fazemos é descobrir novos fragmentos dela? Veja o que a filosofia tem a dizer. [413/mar. 2020, A matemática foi descoberta ou inventada?, edição 413, Capa]

(3) Construir uma estrutura dessas não é simples. Para manter o sigilo, cada etapa da obra é realizada por uma equipe diferente, desde a parte hidráulica e de ventilação até o sistema de segurança. Dessa forma, apenas o responsável conhece todos os detalhes da construção. O processo pode demorar de 8 a 14 meses, **dependendo da obra**. [415/maio 2020, Isolamento extremo: como são, onde ficam e quanto custam os bunkers, Capa]

À primeira vista, esses usos não seriam considerados como conformativos, pois se apresentam na língua portuguesa como muito distintos das conjunções canônicas “como” e “conforme”, amplamente retratadas nas gramáticas normativas. Entretanto, “de fato”, “realmente” e “dependendo de X” têm a capacidade de veicular a noção de conformidade, ainda que fora de um padrão *stricto sensu*. Nos dois primeiros casos, os elementos procedurais em destaque servem para marcar eventos relacionados do texto. Anaforicamente recuperam ideias ou proposições declaradas, com o propósito de serem “conformadas”. Daí a noção de conformidade. De outro lado, em (3), “dependendo da obra” expressa uma espécie de “sujeição entre partes” (Oliveira, 2023, p. 125), ou seja, o processo descrito no excerto vai ter um tempo específico de duração *em conformidade com* o tipo de obra.

---

<sup>12</sup> Todos os dados apresentados nesta seção do artigo são extraídos da pesquisa de Oliveira (2023). Esses dados foram coletados a partir da Revista *Superinteressante*, da editora Abril, no período de janeiro de 2020 a dezembro de 2021 (da edição 411 à edição 434).

Sem dúvida, os dados (1), (2) e (3) expressam usos bastante marginais da conformidade, mas ainda assim concretamente observáveis. O valor de conformidade também pode ser atestado no seguinte dado, apresentado por Oliveira (2023, p. 125):

04) A empresa visita os bunkers uma vez por mês, para fazer manutenção. Com sigilo absoluto. “Só uma pessoa de muita confiança fica sabendo da construção dos bunkers, e geralmente essa pessoa sou eu”, **diz o engenheiro Ricardo Chilelli**, dono da RCI First. (415/maio 2020, Isolamento extremo: como são, onde ficam e quanto custam os bunkers)

Em (4), “diz o engenheiro Ricardo Chilelli” é equivalente a “conforme o engenheiro Ricardo Chilelli”. Logo, essa também é uma estratégia de expressão da conformidade. Nesse dado, recruta-se o discurso de um terceiro (“o engenheiro”) por meio de um verbo de elocução (“diz”). Afinal, se uma pessoa X fala Y, então Y está em conformidade com o pensamento de X.

Esses dados iniciais servem para expressar o quão diverso é o domínio da conformidade, caracterizado como uma noção bastante abrangente, assim como a da quantificação, brevemente apresentada por Traugott e Trousdale (2013). Aliás, o domínio da conformidade é ainda mais amplo e multifacetado do que parece à primeira vista, se considerarmos outras estratégias ainda menos canônicas nesse campo. Vejamos:

(5) Talvez herdemos até os medos dos nossos ancestrais; e isso também aconteça por meio de alterações epigenéticas. [**É o que sugere um estudo feito com camundongos por cientistas da Universidade de Emory, nos EUA.**] Ratos e humanos são muito diferentes, claro, mas têm sistemas de recompensa similares. [413/mar. 2020, A ciência do destino, Capa]

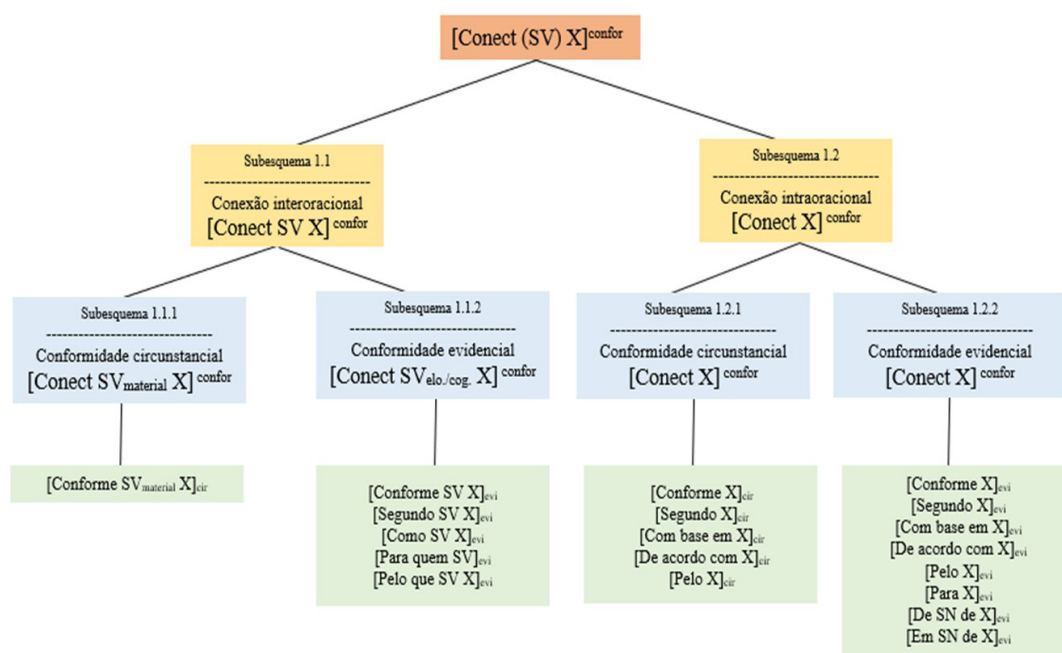
(6) A questão é linguística: se um idioma não tem uma palavra para uma cor, os falantes a consideram um tom de outra cor. E vários povos, [**ao que tudo indica**], não tinham naquela época – ou não têm até hoje – uma palavra para o azul. Ele é considerado um tom de verde. [414/abr. 2020, É verdade que a cor azul só foi percebida recentemente pela humanidade?, Oráculo]

Em (5), a construção [SER o que SV X] tem forte caráter anafórico. O valor conformativo dessa construção pode ser aferido por meio de um teste de substituição de “É o que sugere um estudo” por “Conforme um estudo”. Segundo Braga, Oliveira e Barbosa (2013), essa é uma construção pseudoclivada extraposta. A identidade formal de [SER o que SV X] com a conformidade canônica é ainda menor, haja vista sua sensível diferença em termos morfossintáticos.

Em (6), temos uma “unidade pré-fabricada” (cf. Bybee, 2016). Ainda marcada por relativa composicionalidade, a expressão destacada serve para marcar “evidências” de algo. Assim, utiliza-se “ao que tudo indica” para expressar a existência de informação consensualmente aceita ou aferida por uma coletividade.

Como já informado, sem dúvida, o campo da conformidade é muito amplo. Na pesquisa de Oliveira (2023), a autora optou por um recorte mais definido, o que é percebido por meio dos seguintes objetivos traçados pela própria pesquisadora: 1) identificar os conectivos que codificam a noção de conformidade; 2) elaborar a rede da conformidade, em que se inserem construções desde o nível menos esquemático, ou seja, o das microconstruções, passando pelo subesquema, até chegar ao esquema. Para isso, Oliveira (2023) mobilizou um conjunto de 490 ocorrências da conformidade especificada por meio de conectores.

A Figura 11 apresenta esquematicamente os resultados alcançados pela pesquisadora:



**Figura 11** – Rede construcional da conformidade

**Fonte:** Oliveira (2023, p. 213)

No nível mais alto, temos [Conect (SV) X]<sup>conform</sup>, que representa o esquema da rede construcional. Esse esquema, por sua vez, se distribui em dois subesquemas de diferentes níveis. Assim afirma Oliveira (2023, p. 214):

- 1) o primeiro nível, caracterizado pela diferenciação do *tipo de conexão*, [...] pode ser tanto interoracional quanto intraoracional, respectivamente subesquemas 1.1 e 1.2;

b) o segundo nível, que se origina dos dois primeiros subesquemas, caracteriza-se pelo *tipo de função*, a saber: conformidade evidencial e circunstancial. Os evidenciais são os subesquemas 1.1.2 e 1.2.2; os circunstanciais, por sua vez, são os subesquemas 1.1.1 e 1.2.1.

Essa perspectiva de organização da rede construcional da conformidade alinha-se à proposta de Diessel (2019), na medida em que a esquematização não obedece estritamente a uma lógica de semelhança formal entre os *types*, mas semântico-pragmática.

No subesquema de nível 1, a distinção entre 1.1 e 1.2 se dá em função da presença ou não de elemento verbal, o que caracteriza a conformidade como oracional (conexão interoracional) ou não oracional (conexão intraoracional). Assim, é um componente sintático que distingue um subesquema do outro. Já no subesquema de nível 2, a distinção se estabelece por meio de uma relação semântico-pragmática entre usos circunstanciais e usos evidenciais que, por sua vez, podem ser tanto interoracionais quanto intraoracionais. Nesse caso, a distinção é, em maior medida, de base semântico-pragmática.

A conformidade circunstancial é a que se estabelece de modo menos intersubjetivo. Dá-se por meio de uma conexão mais forte, em um único contorno entonacional. É uma relação conformativa atestada no mundo biofísico-social. A conformidade evidencial, por sua vez, é mais intersubjetiva. Ocorre em um contexto de conexão menos forte, com dois contornos entonacionais. Presta-se sobretudo à indicação de fonte ou de ponto de vista relacionado à asserção a que se liga. (cf. Oliveira, 2023, p. 137).

Na visão de Diessel (2019), a relação que se estabelece entre esquema e subesquema é chamada “vertical” ou “taxonômica”. Trata-se de uma relação que espelha diferentes níveis de abstração em nível ascendente e de especificação em nível descendente. Quanto mais alta é a posição na rede, mais abstrata é a construção na memória dos falantes. Como explica Diessel (2019), essas relações se dão por similitudes formais e/ou funcionais.

Considerando-se a rede construcional da conformidade proposta por Oliveira (2023, p. 213), nos subesquemas de nível 1 (representados por caixas na cor amarela), a distinção é de base formal, já que há um tipo de conexão interoracional e outro tipo de conexão intraoracional. Já nos subesquemas de nível 2 (representados por caixas na cor azul), a distinção é de base funcional, já que há uma conformidade de base circunstancial e outro tipo de conformidade de base evidencial.

No plano das relações horizontais (também chamadas “construcionais”, por Diessel), verificamos que as microconstruções (representadas nas figuras geométricas de fundo verde), em termos formais, são bastante distintas entre si. Por exemplo, a microconstrução [Como SV X]<sup>evi</sup> é bastante diferente de [Para X]<sup>evi</sup> ou de [De acordo com X]<sup>cir</sup>. Em uma perspectiva meramente formal, frisamos que não seria possível a

construção de uma rede esquemática como a representada na Figura 11, haja vista as diferentes codificações morfossintáticas atestadas. Contudo, apoiados em Diessel (2019), defendemos que essa rede proposta por Oliveira (2023) é psicologicamente plausível, haja vista a hipótese teórica de como o conhecimento linguístico se organiza na cognição humana, o que pode ocorrer por meio de *links* formais, semânticos, fonológicos e de outras naturezas.

Para ilustrar nossa discussão, apresentamos mais alguns dados da pesquisa de Oliveira (2023). Propositivamente, os próximos quatro dados são instanciados por “conforme”, mas cada um representa um subesquema de nível 2 distinto. Com isso, reforçamos a nossa defesa de que a abordagem construcional não pode estar atrelada somente ao aspecto formal dos elementos gramaticais. Vejamos:

(7) Os semáforos adaptam sua velocidade [**conforme quem está atravessando a rua**]. Se for um idoso, por exemplo, a troca de cor torna-se mais lenta. [414/abr. 2020, Uma sociedade hipertecnológica projetada pela Google, Capa, infográfico]

(8) Do mesmo jeito que a onda de água é uma oscilação no campo da piscina, a luz é uma oscilação em um campo eletromagnético. Isso significa que, se a luz é feita de partículas, [**conforme concluiu Einstein**], então esse próprio campo, de alguma forma, pode ser descrito em termos de partículas. Esse se tornou o principal objetivo dos físicos após o sucesso da equação de Schrödinger. Dar um passo além e descrever campos, como o eletromagnético, da perspectiva quântica. [420/out. 2020, Física quântica: entenda de uma vez – ou não, Capa]

O dado (7) exemplifica um constructo atrelado ao subesquema 1.1.1, ou seja, é um dado de conformidade circunstancial interoracional. É o tipo de conformidade codificado por um conectivo canônico invariável atrelado a um escopo oracional de maior integração, haja vista a falta de pausa entre a oração nuclear e a oração conformativa propriamente dita, comumente posposta. Nesses casos, é muito comum que o verbo de tipo material (cf. Halliday e Matthiessen, 2004) esteja no presente do indicativo. Por fim, é um uso circunstancial devido ao seu caráter menos intersubjetivo. Há uma relação de compatibilidade entre duas ações no mundo biofísico-social: o uso dos semáforos e o ato de atravessar a rua.

O dado (8), por sua vez, representa um constructo atrelado ao subesquema 1.1.2. Assim como o dado anterior, também é um dado de uso interoracional. A relação de conformidade, nesse caso, também é veiculada por meio de um conectivo invariável, mas já não há grande integração oracional, o que pode ser verificado, inclusive, pelo uso da vírgula, que marca uma certa fronteira entre a oração conformativa e o restante

da informação. Isso configura uma vinculação mais frouxa no campo discursivo. A maior carga de intersubjetividade atestada no dado resulta em uma relação de cunho mais pragmático-discursivo. Essa maior intersubjetividade é também marcada por meio do verbo de cognição “concluir”, de sentido mais abstrato.

Apresentamos agora dois dados representativos do subesquema 1.2, ou seja, dos usos intraoracionais:

(9) A remuneração por direitos conexos, em geral, é menor que a por direitos autorais. O valor exato varia [**conforme o contrato na época da transmissão original e o horário**] (folhetins das nove são mais bem pagos). Ao Oráculo, a Globo afirmou apenas que “efetua todos os pagamentos referentes aos direitos conexos devidos aos seus talentos”. Mas alguns atores já reclamaram de não serem remunerados devidamente pelas reprises do canal a cabo Viva, que pertence à Globo. [420/out. 2020, Os atores recebem por reprises de novelas?, Oráculo]

(10) Entre os tratados com Ipilimumab – o bloqueador de CTLA-4 –, a taxa de pacientes de melanoma com metástase que sobrevivem mais de cinco anos após o diagnóstico é algo entre 18% e 20% (Os números variam dentro de uma margem de erro [**conforme o artigo científico consultado**]) Com Nivolumab – o bloqueador de PD-1 –, 29% a 39%. [412/fev. 2020, Imunoterapia: a melhor arma anticâncer, Capa]

O dado (9) representa um constructo atrelado ao subesquema 1.2.1, ou seja, é um dado de conformidade circunstancial intraoracional, que é um uso comumente não abordado pelas obras normativas, haja vista que o tratamento da conformidade, via de regra, é feito nos capítulos destinados às chamadas orações subordinadas adverbiais conformativas. Por se tratar de um uso não oracional, o escopo é nominal. Há uma forte integração entre o segmento conformativo e o contexto precedente. Canonicamente esses usos são pospostos. Assim como em (7), atesta-se um valor circunstancial devido ao seu uso menos intersubjetivo. Há uma relação de compatibilidade entre duas entidades no mundo biofísico-social: “valor exato” e “contrato”. Vale destacar que a não animacidade do *slot* preenchido à direita de “conforme” (no dado, o *slot* é preenchido por “o contrato”) reforça a função circunstancial desse dado, pois elementos animados nessa posição tendem a veicular sentido evidencial, como se verificará na análise do próximo constructo.

O dado (10), por sua vez, é um constructo atrelado ao subesquema 1.2.2, representativo da conformidade evidencial intraoracional. Nesse dado, há uma menor integração entre o segmento conformativo e o segmento matriz, haja vista a possibilidade

de anteposição da conformativa. Além disso, a conformativa não modifica o verbo “variar”, à diferença do que se observou em (9). De fato, há uma ligação mais frouxa entre os dois segmentos. No dado, “o artigo científico consultado” funciona como fonte de informação, o que lhe confere a caracterização de uso evidencial.

Antes de fecharmos essa seção, é conveniente apresentar aqui um dado bastante idiossincrático (cf. Oliveira, 2023, p. 127):

(11) A torre de comando aciona a válvula para que a água do segundo nível desça para o primeiro. **Conforme o nível sobe, o navio sobe junto.** [418/ago. 2020, Infográfico: como funciona o Canal do Panamá, Capa]

À primeira vista, no dado (11), “conforme” seria imediatamente classificado como uma conjunção conformativa. Isso se dá em função da própria transparência lexical do item. Contudo, uma análise mais cuidadosa indicará que esse elemento revela um comportamento veiculador da noção de proporcionalidade, haja vista um vínculo de “aumento progressivo” que se estabelece entre o *nível do rio* e a *posição do navio*. Em outras palavras, seria possível a paráfrase “à medida que o nível sobe, mais o navio sobe junto”. Nesse dado, definitivamente não há a noção típica de conformidade, pois não se verifica uma relação de compatibilidade entre dois elementos.

O dado (11) nos revela que o elemento gramatical “conforme” não está fixo na rede esquemática da conformidade. Ao invés disso, esse elemento claramente expandiu seus usos para outro domínio. Na visão de Fernandes (2022, p. 190), “no domínio da proporcionalidade, há sempre uma relação de causalidade entre partes relacionadas, por meio de noções progressivas”. O verbo “subir”, no dado (11) é justamente esse elemento de progressão em direção ascendente.

Por meio da análise dos dados (7) a (11), comprovamos que “conforme” pode admitir diferentes usos na gramática do português. A concepção de multidimensionalidade é fulcral para que esses diferentes usos sejam capturados esquematicamente, pois uma visão estritamente baseada no plano formal poderia restringi-lo à ideia de um elemento monolítico na rede de construções dos conectores do português. Consequentemente, isso escamotearia os seus diferentes *loci* dentro do ecossistema da rede construcional dos conectores do português.

Como ficou comprovado, a concepção de multidimensionalidade, atenta às relações verticais e horizontais da rede, sem dúvida, pode potencializar o trabalho de análise e descrição linguística, especialmente quando há fenômenos semelhantes ao da conformidade no português do Brasil, que é bastante diverso do ponto de vista formal.



## Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos apresentar as vantagens da proposta de Diessel (2019) para a esquematização das redes construcionais da língua portuguesa. Nessa proposta, ganham destaque dois aspectos principais: a) a relevância da observação das relações verticais e horizontais, a partir de similitudes de base formal e/ou funcional; b) a plausibilidade das modelagens de hierarquias construcionais mais plurais, tomando-se não só a estrutura morfossintática como ponto de partida, mas também as relações semânticas, fonológicas, pragmáticas etc.

Essas diferentes formas de esquematização das redes construcionais atendem a um princípio de plausibilidade psicológica. Se partimos do princípio de que todo conhecimento linguístico dos falantes é capturado por meio de uma grande rede de construções, então é natural que essa rede estabeleça *links* variados, de modo multidimensional, para além do estrito plano estrutural.

Em termos metodológicos, é compreensível que o pesquisador adote uma ou algumas dimensões para investigação, contudo, não podemos considerar que haja somente uma organização formal da linguagem da memória dos falantes. Esse ponto de vista trairia as bases cognitivistas da linguagem.

De alguma forma, a possibilidade de “redes semânticas” já estava prevista em Traugott e Trousdale (2013, p. 17), quando os autores apresentaram o esquema abstrato dos quantificadores da língua inglesa, contudo esse sempre foi um ponto obscuro e propiciador de grandes discussões entre os pesquisadores filiados à Linguística Funcional Centrada no Uso. O avanço da reflexão teórica de um lado e a publicação de novos estudos empíricos de outro serviram como luzeiros para que essa questão fosse definitivamente superada: de fato, há diferentes redes construcionais na língua, e isso atende à nossa realidade cognitiva.

Neste trabalho, duas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo D&G (Discurso & Gramática) e CCO (Conectivos e Conexão de Orações) demonstraram uma concreta aplicação dessa proposta multidimensional. Os estudos de Fernandes (2022) e Oliveira (2023) são teses de doutoramento que apresentam redes construcionais [também] de base semântica. Ao tratar respectivamente da proporcionalidade e da conformidade, as autoras modelaram duas grandes redes hierárquicas que procuram abrigar os múltiplos conectores da língua portuguesa responsáveis pela veiculação desses sentidos, a despeito de suas diferentes codificações morfossintáticas.

Na seção “Estudo de Caso”, apresentamos uma síntese mais focada dos achados de Oliveira (2023). Em sua pesquisa, a autora detectou variadas formas de expressão da conformidade, como “de fato”, “realmente”, “dependendo de X”, “para X” etc. Sem dúvida, todos esses recursos linguísticos estão conectados em uma grande rede, com múltiplos nós e *links* associados a outras redes, e isso extrapola o ponto

de vista essencialmente estrutural da linguagem. A partir de um recorte, a autora optou por investigar somente a conformidade codificada por meio de conectores, mas seria possível abrigar outras estratégias de expressão da conformidade na mesma rede proposta pela pesquisadora. Isso seria possível pela proposição de novos subesquemas, por exemplo.

Na rede da conformidade codificada por conectores, a autora detectou a existência de conexões tanto interoracionais quanto intraoracionais que, por sua vez, se subdividem em conformidades de cunho circunstancial e evidencial. A partir desse trabalho, Oliveira (2023) detectou conectores diversos, como [conforme SV X], [segundo SV X], [pelo que SV X], [de acordo com X] e ainda outros bastante distintos entre si, mas invariavelmente todos têm em comum a capacidade de veicular a semântica de conformidade.

A conclusão a que chegamos é que as contribuições de Diessel (2019) são bastante frutuosas para as pesquisas que desenvolvemos na interface funcional-construcionista. A noção de multidimensionalidade, com especial foco nas relações verticais e horizontais da rede, pode ser uma importante ferramenta para o nosso objetivo final: uma descrição sistemática, coerente e consistente da gramática da língua portuguesa.

## Referências

- ALONSO, K. S. B.; OLIVEIRA, D. L.; FUMAUX, N. C. A. Construções binominais quantitativas em perspectiva distinta: uma análise colostrucional. *Revista Odisseia*, v. 4., p. 173-193, 2019.
- BOAS, H. C. The syntax-lexicon continuum in Construction Grammar. A case study of English Communication verbs. *Belgian Journal of Linguistics*, v. 24, p. 54-82, 2010.
- BRAGA, M. L.; OLIVEIRA, D. L.; BARBOSA, E. M. Gradiência e variação nas construções de foco no português brasileiro. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Língua em Uso*, n. 17, p. 29-43, 2013.
- BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. Markedness: Iconicity, economy, and frequency. In: SONG, J. J. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 131-147.
- CAPPELE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*, v. 1, p. 1-28, 2006.
- CROFT, W. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DIESSEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

- ELMAN, J. *et al.* *Rethinking Innateness: A connectionist perspective on development*. Cambridge: Bradford Books/MIT Press, 1996.
- FAULHABER, S. *Verb Valency Patterns. A Challenge for Semantic-Based Accounts*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.
- FERNANDES, T. P. L. M. *Construção proporcional na perspectiva da linguística funcional centrada no uso*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística Funcional. Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-56.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structures*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Construction at Work. The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GREEN, G. The description of inversion in generalized phrase structure grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 11, p. 117-145, 1985.
- GREENBERG, J. H. *Language Universals, with special reference to feature hierarchies*. The Hague: Mouton, 1966.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 2004.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- LANGACKER, R. *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MACHADO VIEIRA, M. M.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções. Desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M.M.; WIEDEMER, M. L. (orgs.). *Dimensões e experiências em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 85-120.
- OLIVEIRA, M. P. P. A expressão da conformidade no Português do Brasil: uma análise centrada no uso. 2023. Tese (Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar. Experimental and Corpus-Based Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.
- RUMELHART, D.; MCCLELLAND, J. L. (eds.). *Parallel Distributed Processing: Exploration in the Microstructures of Cognition*. Cambridge: MIT Press, 1986.
- TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro de mudança linguística. *Revista Linguística*, v. esp., p. 139-151, 2016.

TRAUGOTT, E. "All that he endeavoured to prove was...": on the emergence of grammatical constructions in dialogical and dialogic contexts. *In*: COOPER, R.; KEMPSON, R. (ed.). *Language in flux: Dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008. p. 143-177.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WEINER, E. J.; LAVOB, W. Constraints on agentless passive. *Journal of Linguistics*, v. 19, p. 29-58, 1983.